

“Sem capa”: notas sobre o trabalho de campo de uma etnografia sobre o sexo bareback entre homens na cidade do Rio de Janeiro

Vladimir Porfirio Bezerra¹
Sonia Giacomini²

Resumo

Este artigo tem por objetivo apresentar reflexões sobre o trabalho de campo de parte de uma pesquisa realizada na cidade do Rio de Janeiro entre os anos de 2017 e 2018 entre grupos de homens que se relacionam sexualmente com outros homens, exclusivamente praticantes do sexo sem preservativo – também conhecido como *bareback*. As análises desenvolveram-se a partir do trabalho da observação direta destes grupos, num trabalho de campo que suscitou alguns questionamentos metodológicos e éticos que dialogam com a reflexão antropológica contemporânea, sobretudo com estudos recentes sobre práticas eróticas e sexualidade. Destacam-se nessa investigação duas particularidades: a primeira foi a dificuldade em ultrapassar a fronteira do óbvio na abordagem da prática *bareback*, sobretudo nos estágios iniciais da pesquisa; a segunda foi a questão de como deveria o pesquisador se “situar” no campo. Como pano de fundo, elege-se o contexto amplo cada vez mais conservador e reacionário frente a investigações científicas que, como a realizada, expõem certos “riscos sociais” e que, de certa forma, colocam em xeque moralidades instituídas que incidem sobre o indivíduo e seu corpo.

Palavras-chave: *sexualidades; corpo; metodologia; etnografia.*

“Sem capa”: notes on the field work of an ethnography on bareback sex among men in the city of Rio de Janeiro

Abstract

This article aims to present reflections on the field work of part of a research conducted in the city of Rio de Janeiro between 2017 and 2018 between groups of men who sexually relate to other men, exclusively without a condom - also known as “bareback” sex. The analyses developed from the work of direct observation of these groups, in a field work that raised some methodological and ethical questions that dialogue with the contemporary anthropological reflection, especially with recent studies on erotic practices and sexuality. Two particularities stand out in this research: the first was the difficulty in crossing the frontier of the obvious in the approach to the “sem capa” practice, especially in the early stages of research; the second was to think how the researcher should “situate” himself in the field. As a background, the current conservative and reactionary Brazilian context towards scientific investigations that, like this one carried out, expose certain “social risks” and that, in a

1 Doutorando em Saúde Coletiva com ênfase na saúde da Criança e da Mulher (IFF-Fiocruz).

2 Professora do Departamento de Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio).

certain way, put in jeopardy instituted moralities that affect the individuals and their bodies.

Keywords: sexualities; body; methodology; ethnography.

Introdução

(...) aprendemos a amar diferentes culturas por serem expressões únicas da inventividade humana, e não por serem hábitos inferiores e repugnantes de selvagens. Precisamos tratar as diferentes culturas sexuais com um entendimento antropológico à altura. Gayle Rubin (2017 [1984], p.89)

Este artigo tem por objetivo apresentar reflexões sobre o trabalho de campo de parte de uma pesquisa realizada entre os anos 2017 e 2018, na cidade do Rio de Janeiro, em meio a grupos específicos de homens que se relacionam sexualmente com outros homens, praticantes exclusivamente do sexo *bareback*.

As reflexões aqui desenvolvidas têm como ponto de partida as notas que foram reunidas num diário de campo escrito ao longo do processo de pesquisa, em que foi priorizada uma observação “acompanhante” (DÍAZ-BENÍTEZ, 2007, p. 94). Tais registros refletem algumas dúvidas, incômodos e indefinições que foram escritos em diversos momentos do campo e suscitaram alguns questionamentos metodológicos e éticos no processo de pesquisa. Passam, sobretudo, por uma discussão acerca dos limites que envolvem a relação entre o pesquisador e seu campo, isto é, discussão que constitui parte inseparável da produção de conhecimento na antropologia, pois envolve a problematização sempre presente a respeito de como conhecer e como se aproximar de uma certa realidade culturalmente diferente da nossa a fim de compreendê-la.

Destacam-se neste artigo dois aspectos que serão problematizados no decorrer do texto: a) a dificuldade inicial de, na abordagem da prática *bareback*, ultrapassar a fronteira do óbvio imposta pelos próprios colaboradores; e b) o desafio de “situar-se” no campo, notadamente no que concerne ao questionamento dos limites da

observação direta de interações sexuais.

Tratando-se de tema que envolve o erótico e a sexualidade homoerótica, certamente não é irrelevante lembrar o atual contexto sociopolítico que cada vez mais se desvela conservador e reacionário, sobretudo diante de investigações científicas que expõem certos “riscos sociais” e colocam em xeque regulações morais que incidem sobre o indivíduo e seu corpo. Por diversas vezes, no decorrer da pesquisa, foram ouvidos questionamentos não somente sobre a importância do tema tratado, mas igualmente sobre quais seriam as “reais” motivações em pesquisar um tema tão “incomum”, indicando dessa forma que, por si só, não consistia em um tema suficientemente digno de ser investigado. Pairou, em muitos momentos, a suspeita que havia de fato uma falsa e uma verdadeira motivação do pesquisador para frequentar aqueles ambientes; em outros termos, que o verdadeiro motivo não seria nem exato, nem exclusivamente científico, mas de uma outra ordem: “você transa com estes homens?”, “confessa, você gosta é de observar a sacanagem, né!?”, “pra que pesquisar isso?”.

Ao enfatizar justamente as dúvidas e alguns desafios encontrados na realização do trabalho de campo, o objetivo dessas notas consiste menos numa pretensão de apontar caminhos a serem seguidos por outros pesquisadores. Trata-se, em certo grau, de evidenciar algumas peculiaridades do trabalho de campo e registrar como, no âmbito desta pesquisa e naquele contexto, foram percebidas e equacionadas as formas de participação do pesquisador e as interações estabelecidas com os colaboradores no campo.

A questão central: como se situar em um ambiente em que o simples fato de estar ali já sugere e deixa pressupor aos demais presentes uma adesão e participação direta nas práticas e jogos eróticos que ali ocorrem? Se a regra generalizada observada no espaço estudado é, de fato, a da participação direta e a da inclusão nas práticas eróticas *bareback*, isto é, regra que pressupõe, em princípio, um franqueamento do acesso ao corpo do outro (que se dá, obviamente, segundo certos códigos comunicacionais próprios que sinalizam o consentimento),

entende-se que a presença do pesquisador como alguém que não participa diretamente dos jogos eróticos teve que ser negociada. Nesse processo de negociação com os colaboradores, ficaram destacadas algumas características importantes do universo *bareback*, justamente aquelas que, por sua especial relevância, foram consideradas inegociáveis pelos seus praticantes. Entre elas, a do lugar primordial ocupado pela comunicação gestual em detrimento da comunicação verbal³ nas práticas *bareback*, condição à qual o pesquisador teve, não sem alguma dificuldade, rapidamente de se adaptar. Outros itens da negociação travada com os colaboradores no campo serão melhor explorados mais adiante; o ponto a ser salientado, aqui, é que diante do fato de haver condições inegociáveis colocadas pelos adeptos do *bareback* para a aceitação do pesquisador no campo, foi necessário refletir sobre os limites e fronteiras negociáveis ou não negociáveis também para o pesquisador. O campo, como sabemos, é uma relação ou encontro marcado por especificidades e particularidades do grupo estudado e também do pesquisador⁴.

Ao encerrar o trabalho de campo, chegou-se à conclusão de que as dificuldades encontradas foram de fato muito reveladoras da complexidade do campo estudado. Devido à complexidade do fazer etnográfico – seja pelos percalços impostos pelas especificidades do campo, seja pelo desconforto que a pesquisa causou em diferentes momentos –, e justamente por conta disso, foi possível entrar em contato com questões importantes para a compreensão dos sentidos que a prática *bareback* se reveste para os seus adeptos.

“Preliminares”

Situando questões éticas e metodológicas

O desejo em desenvolver reflexões sobre o trabalho de campo de uma pesquisa sobre uma

prática sexual específica foi inspirado na leitura de trabalhos de pesquisas de autores como Camilo Braz (2012), Maria Elvira Díaz-Benítez (2010) e Victor Hugo de Souza Barreto (2017a, 2017b), e da percepção comum aos três de que a observação direta em contextos de interação sexual ainda não representa, no Brasil, um campo consolidado na antropologia (BRAZ, 2012, p. 43-44).

De modo geral, estes autores – através de suas pesquisas sobre espaços de homossocialização – observam que a maior parte das pesquisas sobre sexualidade no Brasil se baseia metodologicamente em questionários ou entrevistas formais, características, por exemplo, de pesquisas na área da saúde. Diferentemente das pesquisas antropológicas, pesquisas no campo da saúde são fortemente reguladas pela resolução 196/1996 do Conselho Nacional de Saúde (CNS), que instituiu uma série de orientações e normas para controlar experimentos envolvendo seres humanos. Desde outubro de 1996, essas pesquisas passam obrigatoriamente pelo crivo de comitês de ética em pesquisa às quais estes trabalhos estão vinculados antes de serem desenvolvidas efetivamente. Não há como ignorar a existência de características muito próprias da pesquisa com seres humanos na área biomédica, que não se aplicam da mesma forma na área das ciências humanas e sociais. Não há, na regulamentação da ética na pesquisa, qualquer menção a essas especificidades, como pontua Cristina Dias da Silva (2004, p.187), observando que

(...) grande parte dos termos da Resolução 196/96 versa sobre casos explicitamente referidos a pesquisas típicas da área biomédica. Considerando que os seres humanos estão presentes, mesmo que de outra forma, nos estudos de muitos pesquisadores da área de humanidades, com especial destaque para antropólogos, cujo trabalho de campo possibilita um contato face a face e constrói uma relação de interlocução com os pesquisados, é de se admirar

3 Ver, a esse respeito, Le Breton, *As paixões ordinárias* (2009), capítulo “Corpo e comunicação”.

4 Sobre as especificidades e peculiaridades do trabalho de campo e do lugar da subjetividade no fazer antropológico e no trabalho de campo, ver Seeger (1980).

que não haja nenhuma menção sobre qualquer especificidade ou ressalva para o tipo de trabalho realizado por esses profissionais.

Especialmente num campo como o estudado nesta pesquisa, são muitas as dificuldades ou mesmo impedimentos para que as regras estritas dessa regulamentação sejam efetivamente aplicadas. Isso evidentemente não elude, e tampouco esgota, a sempre necessária discussão sobre a ética na pesquisa que tem sido seriamente assumida no campo da antropologia⁵. Embora seja necessário, por sua relevância e atualidade, mencionar essa questão, a regulamentação da ética na pesquisa não será explorada neste artigo, pois isso nos afastaria da reflexão sobre os aspectos aqui privilegiados. Cabe assinalar, entretanto, que a forma da regulamentação envolve diretamente as possibilidades e condições para a realização do trabalho de campo, apresentando certamente muitas interferências e impactos na relação que se estabelece com os colaboradores e os participantes da pesquisa.

Sobre a pesquisa realizada, optou-se por uma metodologia qualitativa que considerou, entre outros aspectos: a) uma revisão bibliográfica de pesquisas sobre o sexo *bareback*; b) a análise de boletins epidemiológicos e comportamentais do Ministério da Saúde; c) uma incursão ao ambiente virtual que compreendeu a visita a fóruns de discussão e comunidades de praticantes do sexo sem preservativo⁶; e d) um trabalho etnográfico que privilegiou a observação direta de interações sexuais em diferentes ambientes e conversas informais.

Diversos aspectos orientaram a reflexão sobre o *bareback*: a impermanência dos cenários, as implicações inescapáveis no campo e os limites físicos e simbólicos com o campo, sobretudo por se tratar de uma investigação que envolve a observação direta em contextos sexuais. Assim como observado nas pesquisas de Braz (2012) e Barreto (2017b), o trabalho de campo desta pesquisa também se deparou com um ambiente

ou atmosfera em que o pesquisador, além de ser observador das interações e relações que se estabelecem entre os frequentadores habituais, é de fato, ele próprio, também objeto de negociações, e experimenta situações em que seu lugar no campo é frequentemente questionado. Isso talvez seja bastante revelador da forma como os praticantes do *bareback* procuraram assimilar a presença do pesquisador em eventos nos quais, em princípio, a figura do mero observador, ainda que com participação observante, não é comum e nem esperada.

Nesse sentido, não é necessário insistir no fato de que, nessa atmosfera erótica, a presença da figura clássica do antropólogo pesquisador, meramente observador do que ocorre à sua volta, seja vista, quando não como fortemente dissonante, no mínimo, como bastante deslocada. A pesquisa se desenvolve a partir do momento que a imagem do pesquisador é, de alguma forma, transformada para se integrar ao ambiente, seja descaracterizando o pesquisador ao assemelhá-lo a um participante qualquer, e, portanto, identificando-o a um adepto do *bareback*, seja transformando-o em uma espécie de “objeto” fetichizado. Em ambos os casos, são mudanças em que estava implicada uma operação de erotização ou de hipererotização do pesquisador, a fim de que ele pudesse, de alguma forma, ocupar um “lugar” – de frequentador habitual ou fetiche –, e estar minimamente integrado ou fazer parte de um cenário em que se respirava uma certa sexualidade homoerótica. Nesse sentido, como tentativas dos colaboradores de acolherem a presença do pesquisador tornando-a aceitável, isto é, transformando-a a fim de que não descaracterizasse o ambiente, podem ser interpretados os insistentes convites para que o pesquisador entrasse minimamente no “clima”: “Fica pelado pra gente te ver, vai!”

O que parece sinalizado é que não consideravam aceitável qualquer comportamento que pudesse evocar algum explícito alheamento ou distanciamento do que ocorria à volta; num

5 Ver a esse respeito, entre outros e em particular, Sarti e Duarte (2013).

6 Incluindo a análise de alguns conteúdos pornográficos em websites especializados em sexo *bareback*.

outro extremo, a participação direta e efetiva nos jogos e interações sexuais, embora sugerida, não se configurou em uma exigência. O que se apresentava como relevante para entrar em sintonia com o “clima” não parecia ser então exatamente uma efetiva participação do pesquisador nos jogos sexuais, mas sim o fato de que estivesse pairando no ar a possibilidade de que ela ocorresse. Em suma, os limites da participação do pesquisador no sexo *bareback* não podiam, portanto, ser encarados como definitivamente dados, mas, ao contrário, é como se devessem estar sempre indefinidos, encarados como provisórios. Poderiam ser constantemente deslocados, o que parece ser a forma específica como a presença do pesquisador foi assimilada: “(...) vai ficar só olhando? Vem aqui!”, “Tá pesquisando isso porque só quer entender ou porque gosta também?”, “Você está correndo algum risco? Está usando camisinha com eles?”, “Como você tem coragem de frequentar esses lugares?”.

Pesquisando práticas sexuais: o aporte teórico

Trabalhos etnográficos sobre sexualidade e/ou práticas sexuais não são novidade no campo da antropologia. Autores clássicos como Bronislaw Malinowski (1884-1942) e Margareth Mead (1901-1978), e pesquisadores pioneiros como Evelyn Hooker (1907-1996), Maurice Godelier, Gilbert Herdt e Robert Stoller (1924-1991) têm, no universo de suas produções científicas, importantes reflexões que auxiliam novos pesquisadores a pensar a sexualidade a partir de inúmeras perspectivas, sejam metodológicas, éticas ou epistemológicas.

Contudo, ainda que a leitura de alguns clássicos tenha sido fundamental para a aproximação com o tema, optou-se por um outro caminho. Perguntas desafiadoras, suscitadas pelo

tema da pesquisa, como: “Você está fazendo sexo com esses homens?”, “Você se identificou com eles como pesquisador?”, “Como você chega nesses lugares para observar? Fica pelado?”, nos fizeram escolher acompanhar o debate mais contemporâneo sobre as interações entre o pesquisador e o campo de pesquisas sobre sexualidade. Foram considerados como aporte os trabalhos etnográficos de Hélio Silva (2009) e Don Kullick (2008) sobre travestis, Néstor Perlongher (2008) sobre prostituição masculina, além da coletânea *Taboo* de Kullick & Willson (1995), obras que trouxeram problematizações importantíssimas e que muito contribuíram para reflexões significativas durante todas as etapas da pesquisa.

Mais recentemente, outros autores destacam-se em produções relevantes sobre práticas sexuais e espaços de produção de sentido no campo da sexualidade. Evidenciam-se, por exemplo, o conjunto de trabalhos de Maria Elvira Díaz-Benítez (2007, 2010) acerca de espaços de homossocialização (como os *darkrooms*⁷), e sobre pornografia, além de seu rigoroso trabalho na organização de coletâneas de artigos na área do gênero e sexualidade. Também devem ser mencionados os importantes trabalhos de Maria Filomena Gregori (2016) sobre o mercado erótico na contemporaneidade, bem como as produções de Bruno Zilli (2018) e Vera Lucia Marques da Silva (2018) sobre aspectos da prática do BDSM⁸. Mais especificamente, chama-se atenção para a pesquisa de Tedson Souza (2012) sobre a prática de sexo anônimo em banheiros – também conhecida como “banheirão”. Essa pesquisa de Souza, inspirada nas investigações pioneiras de Humphreys (1970) e realizada na cidade de Salvador (Bahia), analisa as interações sexuais em banheiros públicos masculinos, levando em consideração marcadores sociais da diferença como raça, classe, idade etc.

7 Ver mais em Díaz-Benítez (2007). *Darkrooms* são espaços físicos dentro de boates e clubes onde há interação sexual anônima e fugaz com pouca ou nenhuma iluminação.

8 Na apresentação de sua obra, Silva indica que o significado desse acrônimo deve ser considerado em pares, uma vez que cada par se refere a práticas que se implicam, ou seja, BD significa *Bondage* e *Disciplina*, DS, *Dominação* e *Submissão*; e SM, *Sadomasoquismo*.

Um rápido panorama sobre pesquisas acerca do sexo *bareback*

A pesquisa sobre o sexo *bareback* entre homens na cidade do Rio de Janeiro foi inicialmente pensada como uma investigação que compreenderia uma revisão bibliográfica e documental, além de considerar uma etnografia virtual⁹ sobre o tema.

De modo geral, há na internet uma vasta produção cultural que compreende não apenas conteúdo pornográfico diverso, mas documentários e reportagens sobre o sexo *bareback* no mundo, além de interessantes debates sobre novas tecnologias de prevenção, como por exemplo a Profilaxia Pré-exposição (PrEP), oferecida pelo Sistema Único de Saúde (SUS) desde dezembro de 2017, o risco e o prazer em contextos de prevenção (BEZERRA et SILVA, 2019). Esses debates são amplamente desenvolvidos através de redes sociais como o *Facebook* – comunidades específicas de acesso público, grupos de discussão no aplicativo *Whatsapp*, ou redes virtuais de homossocialização como o *Grindr* e *Hornet*¹⁰, o que muito dinamiza o processo de pesquisa.

No âmbito das pesquisas acadêmicas sobre o *bareback*, alguns pesquisadores brasileiros e norte-americanos de diversas áreas do conhecimento dedicaram-se ao assunto. O levantamento bibliográfico de estudos científicos sobre o sexo *bareback* no Brasil considerou a base Scielo e a BVS - Biblioteca Virtual em Saúde (Medline, Lilacs, Wholis, Paho), e resultou num total de sete trabalhos, todos circunscritos ao campo da saúde pública. A maior parte das pesquisas identificadas encontra-se no campo da saúde pública/coletiva, e mais especificamente sobre como novas tecnologias de prevenção, como a profilaxia pós-exposição (PrEP), representam

respostas às demandas de uma população que assume o uso irregular do preservativo. Em outros casos, as pesquisas abordam como a prática é tratada pela mídia – expondo aspectos que aprofundam o estigma sobre a prática e seus adeptos. Em grande parte dos casos, termos como “desprotegido” e “arriscado” assumem protagonismo nas investigações.

O levantamento bibliográfico indica que a subjetividade envolvida na prática de sexo *bareback* muitas vezes passa ao largo em pesquisas que tratam mais especificamente da relação entre o aumento nos índices de novas infecções pelo vírus HIV e IST's devido ao uso irregular do preservativo. Em outros casos, boa parte das investigações centraram-se nos desafios enfrentados pelas políticas públicas no que tange à eficácia dos métodos de prevenção e tratamentos contra o vírus da imunodeficiência (HIV) atualmente oferecidos pelo SUS¹¹, numa ótica que articula as Ciências Sociais e a Saúde Coletiva, o mesmo referencial do qual se servem tanto este artigo quanto a pesquisa que lhe deu origem.

Também se observa, sobre o tema, uma hegemonia dos estudos norte-americanos. O levantamento de artigos publicados na América do Norte encontrou muitas investigações específicas sobre a prática de sexo *bareback*, especialmente em pesquisas no campo da saúde pública/coletiva, antropologia urbana ou da saúde nos Estados Unidos e Canadá. De modo geral, são trabalhos desenvolvidos na primeira década dos anos 2000, que abordam os impactos e as transformações no comportamento sexual nas eras pré e pós-AIDS, e debatem mais diretamente a prática do sexo sem preservativo¹².

A partir de março de 2017 teve início a pesquisa orientada por uma questão sobre a prática de sexo *bareback*: a despeito dos

9 Uma discussão sobre pesquisas no ambiente virtual é efetuada por Hine (2004), Santos & Gomes (2013), e mais detalhadamente explorada na dissertação.

10 Aplicativos para smartphones que funcionam com o princípio de geolocalização para socialização entre homens.

11 Destacam-se pesquisadores como Luís Augusto Vasconcelos da Silva, Jorge Alberto Bernstein Iriart, Edgard Felberg, Paulo Sérgio Rodrigues de Paula, Inês Dourado, Veriano de Souza Terto Jr, Ivia Maksud, Nilo Martinez Fernandes e Sandra Lucia Filgueiras.

12 Destacam-se os pesquisadores Étienne Meunier, Jeffrey Escoffier, Tim Dean e Michael Shernoff.

“riscos” envolvidos à saúde, o que levaria alguns homens que fazem sexo com homens optarem, deliberadamente, pela prática do sexo *bareback*? Desse modo, realizar uma etnografia sobre o sexo *bareback* entre homens na cidade do Rio de Janeiro mostrou-se um empreendimento complexo e desafiador. A seguir, a partir das experiências no campo de pesquisa, expõem-se duas particularidades do processo de pesquisa: a dificuldade em ultrapassar as barreiras do “óbvio” e a importância de “situar-se” no campo.

Observando o campo *bareback*

“Mas isso é óbvio, né!?”: um primeiro problema

Até o mês de maio de 2017, nenhum ou pouco vínculo havia sido estabelecido com o campo. A pesquisa inicialmente focou em documentos, artigos e interações on-line superficiais através de contatos esporádicos com praticantes de sexo *bareback* em redes sociais virtuais como o *Grindr* ou *Scruff* – aplicativos dedicados a socialização e encontros (sexuais ou não) entre homens (MISKOLCI, 2017).

Enquanto a pesquisa esteve limitada às interações observadas em um cinema da região central da cidade de frequência predominantemente masculina e que exhibe exclusivamente filmes pornográficos, havia apenas uma estranha certeza sobre o que acontecia diante dos olhos de qualquer um que decidisse pesquisar o sexo *bareback*: pairava uma desconcertante obviedade na desordem dos corpos – interagindo sexualmente. Durante os primeiros meses de observação, foi inútil o apoio somente em teorias, esperar os porquês e descobrir verdades se desvelarem facilmente. Se Rubin (2017, p.63) indica que chegou a hora de “pensar sobre o sexo”, percebeu-se, ao descrever esse percurso, que para pensar sobre o sexo do “outro”, seguindo a sugestão de Kulick (1995,

p.1-28), era preciso mergulhar no oceano dos homens praticantes do sexo *bareback* – e para isso não havia nenhum manual.

Um primeiro dilema encontra-se na frase que permeou os encontros iniciais com a rede de colaboradores: “Mas Vladimir, o que você quer saber sobre o *bare*¹³? É o pau sem borracha, pele com a pele... só isso, não sei se vou poder te ajudar!”. Por três meses consecutivos, o incômodo com a expressão “é só isso!”, ouvida dos adeptos do *bareback*, dominou as discussões travadas durante as reuniões de orientação da pesquisa. Por que o *bareback* era considerado por seus praticantes tão óbvio assim? De fato, faltava o contexto que explicava aquele texto ou narrativa que laconicamente insistia – “é só isso” – e era isso justamente que devia ser investigado.

Contudo, observou-se com o decorrer dos meses e uma certa magnitude do campo que havia uma rede de adeptos do *bare* que promovia encontros, festas, iniciativas que iam muito além de certos espaços comerciais em que essa prática também ocorre, embora não de forma exclusiva. Após algum tempo de observações que não produziam uma comunicação efetiva, o próprio campo de pesquisa se encarregou de evidenciar que uma melhor aproximação exigia que o pesquisador se “misturasse” mais, especialmente através de estabelecimento de laços mais efetivos com alguns homens. Somente assim foi possível conhecer mais de perto o amplo espectro do universo do sexo *bareback*, inacessível sem relacionamentos de confiança. Para estabelecer essa confiança, foram exigidos não somente o dispêndio de algum tempo, mas, sobretudo, a comprovação pelo grupo do preenchimento de certos requisitos.

Esta percepção faz eco às reflexões de Roberto DaMatta (2010, p.174-175) sobre o trabalho de campo como um “rito de passagem”, em que o antropólogo realiza uma “viagem para um outro universo social”. Foi a partir de certa disponibilidade para efetuar essa “viagem”, e

13 *Bare* é abreviação para *bareback*; expressão muito utilizada pelos praticantes para indicar o sexo sem preservativo. Outras expressões utilizadas são: “sem capa”, “sem borracha” ou “na pele”, termos que são mais bem explorados na dissertação.

certamente da disponibilidade daqueles com quem entrei em contato, que por volta de agosto de 2017 uma ampla rede de colaboradores se consolidou, rede que foi fundamental para a conclusão da pesquisa em dezembro de 2018. O “misturar-se”, portanto, foi essencial para que a fronteira do óbvio pudesse – em algum grau – ser ultrapassada. O “óbvio” era, na verdade, um convite, sem necessariamente estar acompanhado de um mapa ou de um manual de procedimentos para aprofundamentos. É possível ir além e desenhar um mapa ou roteiro próprio, levando a fundo a sugestão de DaMatta (2010, p.169) quando indica que todo antropólogo realiza (ou tenta realizar) o seu próprio “repensar a antropologia”, postura que – como nos revelou explicitamente Edmund Leach (1974) – é uma tarefa absolutamente fundamental para o bom desenvolvimento da disciplina.

Ao voltar o olhar para o processo inicial da pesquisa, também é possível entender que seus avanços – especialmente a atitude de ultrapassar a obviedade que era oferecida – foram possíveis através do que Gilberto Velho (2011) chama de “convivência”, atitude que possibilitaria ao pesquisador alcançar o que o autor entende como a “complexidade dos indivíduos e das relações sociais” (VELHO, 2011, p.173). Explica-se: havia inicialmente uma preocupação muito presente sobre se era de fato verdadeiro o que alguns homens contavam nas conversas informais. O que chamava a atenção era que, entre o que diziam nas conversas sobre suas práticas sexuais e como efetivamente participavam dessas práticas nas reuniões privadas, havia um vão abissal, questão com a qual a pesquisa lidava cotidianamente. “Pra chupar pau, eu primeiro vejo se tem alguma marca, se está escorrendo algum líquido fedorento...se tem alguma ferida, não é qualquer pau que eu chupo!” (conversa informal); contudo, ao acompanhar o mesmo colaborador em uma tarde de “pegação”¹⁴, seu comportamento mostrou o oposto do que havia dito.

Certamente que a discrepância entre o dizer

e o fazer dos sujeitos investigados constitui aspectos significativos do campo, pois permite problematizar inúmeras questões, entre elas a de refletir sobre a identidade que é por eles atribuída ao pesquisador (no caso, perguntar-se porque preferiram mentir ao invés de falar a verdade, mesmo que não tenham consciência disso); possibilita, também, se interrogar a respeito das expectativas que o sujeito pesquisado projeta no pesquisador e talvez, a partir daí, interpretar porque colaboraram com a pesquisa. Todas são questões que, como observou Seeger (1980), devem sempre informar a reflexão do pesquisador sobre a sua inserção no campo. No universo *bareback* estudado, há certamente que se levar em conta o fato de se tratar de sujeitos sobre os quais pesa de forma recorrente o estigma da “promiscuidade” sexual e de pertencerem ao que ficou conhecido como “grupo de risco”. Não é, portanto, descabido supor que, principalmente nos contatos iniciais com o pesquisador, tenham preferido se distanciar do estigma de “promiscuidade”, preferindo indicar que assumiam um comportamento sexual mais em consonância com o que seria um protocolo de prevenção de infecções sexualmente transmissíveis.

Mas era outra a questão que nesse momento inicial da pesquisa chamava a atenção: o que era verdade, afinal? E para alcançá-la, o que seria preciso? Ao problematizar o termo “verdade”, Michel Agier (2015) observa que, no encontro etnográfico, a questão da verdade está no centro da reflexão sobre o testemunho. Para esse autor, as interações observadas e destacadas na etnografia não buscariam produzir “verdades” homogêneas, mas sim compreender o mundo – tal como sugere – utilizando-se de momentos ou encontros que descrevem como um determinado grupo social constrói o que seria uma “verdade coletiva”, num determinado tempo, em constante movimento.

Da mesma forma, as reflexões de Valter Sinder não apenas sobre a verdade, mas sobre a relação entre a verdade e o envolvimento do sujeito na

14 Trata-se de termo usado para referir-se ao flerte e à atividade sexual anônima em espaços de homossocialização.

história (a experiência e a realidade) serviram de bússola:

(...) que relações estabelecer entre a experiência e a realidade, entre descrição, construção, amilase, interpretação, enfim, entre o ritmo do narrador, da narrativa, daquilo que é narrado, e, finalmente, do leitor da narrativa? A inevitabilidade de nosso envolvimento na história aponta para o fato de que o que quer que possamos ter da verdade não será obtido apesar de nossa situação histórica, mas graças a ela. (1995, p.292)

Para que se pudesse caminhar adiante no fazer etnográfico, na tentativa de lidar com o “óbvio”, pensou-se o termo “verdade” como uma construção impermanente, imprevisível e por vezes, ao analisar as interações em grupo, também coletiva; verdade como o resultado daqueles encontros, naqueles contextos, num tempo particular do grupo – também específico (SEEGER, 1980).

As observações de Georges Bataille sobre o erotismo também foram fundamentais para entender que, por trás da desordem aparente, havia uma complexidade à qual eu mesmo deveria me implicar¹⁵. Além disso, na tentativa de ultrapassar o óbvio, também foi importante a influência do pensamento de DaMatta (1978, 1981, 1997, 2010). Considerando que o dinamismo do fazer etnografia reside na assertiva de que a cultura é “uma resposta externa”, “não determinada” (DAMATTA, 2010, p.37), isto é, na consciência de que “(...) apenas podemos dizer que o homem deverá responder, mas não podemos prever efetivamente como será essa resposta” (DAMATTA, 2010, p.37), no decorrer de 2017 iniciou-se o trabalho de campo. Frequentando alguns estabelecimentos comerciais onde a prática sexual entre homens era permitida, conversando informalmente com praticantes de *bareback* em contextos que não envolviam atividade sexual (encontros em bares, cafés, festas) e fazendo parte de algumas redes

privadas dedicadas ao sexo *bareback*, deu-se a busca por material que permitisse uma “descrição densa – tipicamente antropológica”, tal qual proposta por Geertz (1978) e DaMatta (1978, p.11). Uma descrição densa só seria possível a partir de uma outra habilidade: a de se situar no campo.

O “situar-se” no campo

“Vai ter que tirar a roupa... nem que seja só pra olhar” (Diário de campo, maio, 2017)

À medida que algumas barreiras iniciais da pesquisa se romperam, certas tensões do campo de pesquisa foram mais bem evidenciadas. Destaca-se, neste segmento, o desafio de se situar no campo – os incômodos em estabelecer os limites físicos e simbólicos ao pesquisador, os contextos aos quais ele tem acesso, e às pessoas com quem pesquisadores vem a conviver. Sobre esse incômodo, Don Kulick (1995, p.1-28) diz que

(...) no nível das interações individuais, especialmente aquelas que ocorrem entre pessoas não familiarizadas com os backgrounds culturais e sociais de outros indivíduos, disparidades nos significados e práticas consideradas como sexuais podem gerar certa tensão no campo (1995, p.7).

Kulick indica que “protegida pelos mitos da objetividade, práticas textuais modernas e puritanismo” (1995, p.3-4) a pesquisa sobre práticas sexuais expõe em certo grau a dificuldade do pesquisador em expressar sua própria subjetividade e a importância de sua presença no trabalho de campo. Isso cria o que Esther Newton denomina “buraco negro”, o que transforma em muitos casos o antropólogo em um “não objeto” (1993, p.4). Sobre esta questão, diz DaMatta (2010, p.180), trata-se de

(...) um modo de não assumir o lado humano da disciplina, com um temor infantil de revelar o

15 Diz o autor: “(...) o erotismo é no seu todo uma atividade organizada, e é na medida em que é organizado que ele muda através do tempo” (Bataille, 1987, p.101).

quanto vai de subjetivo nas pesquisas de campo, temor esse que é tanto maior quanto mais voltado está o etnólogo para uma idealização do rigor nas disciplinas sociais. Numa palavra, é um modo de não assumir o ofício de etnólogo integralmente, é o medo de sentir o que a dra. Jean Carter denominou (...), os *anthopological blues*.

A soma dessas inquietações trouxe duas perguntas imediatas: como “situar-se” no campo? Quais seriam os limites da observação participante no caso de uma pesquisa sobre uma prática sexual?

A leitura das etnografias de Hélio Silva (2007, 1993) e de Don Kulick (2008) entre travestis no contexto brasileiro mostrou-se muito inspiradora. Segundo as reflexões de Silva (2007, 1993), uma etnografia se forjaria a partir da articulação simultânea de três atitudes: o situar, o observar, e o descrever. Ainda para o autor, em seu artigo “A situação etnográfica: andar e ver” (2009), além de ser uma “incógnita”, por se tratar de uma experiência dinâmica, as observações etnográficas não poderiam ser um “acúmulo de miudezas” estáticas, como um “quadro no museu” – que contemplamos de uma determinada distância; ao pesquisador caberia observar a partir “das entranhas” do que ele deseja investigar (Silva, 2009, p.174). Com isso, Silva indica que a etnografia representaria uma espécie de *travelling* (assim como DaMatta), ou percursos permeados pelo estreitamento dos laços nas interações estabelecidas durante as situações imprevisíveis que o campo pode oferecer.

Estas reflexões fazem uma espécie de ponte entre a “convivência” assinalada por Velho discutida anteriormente, e uma certa “intimidade” que se conquista à medida que o pesquisador melhor se “mistura” em seu campo de pesquisa.

“(...) e sexo? Pode?”

A iniciação enquanto pesquisador no campo foi literalmente confirmada numa noite em que o pesquisador, após alguns breves contatos iniciais, foi convidado a se juntar a doze adeptos do *bareback* numa mesa de bar da região central do Rio de Janeiro. Segue a transcrição daquele encontro tal qual foi rascunhada no caderno de campo, naquela mesma madrugada, ao chegar em casa após deixar grupo:

Encontrei-me na Lapa com um grupo com o qual havia estabelecido bom contato, eram 23h, e conseguimos uma mesa em um animado bar; um dos homens do grupo gritou: “a mesa de calçada é melhor, pegação é na calçada!” Era um grupo de 12 homens. E., um de meus colaboradores, e um dos idealizadores do encontro, estava atrasado. Às 23h30 chegou, sorrindo e se justificando: “desculpa gente, eu estava no banheiro do McDonald’s chupando um pau *deeeeste*¹⁶ tamanho... chupei até ele gozar tudo na minha boca... agora que me alimentei tô pronto, que comece a noite!”; em seguida sentou-se ao meu lado e pediu um gole de minha água com gás. Paralisei automaticamente. Pensei se compartilharíamos a mesma garrafa. Hesitei por alguns segundos, mas passei-lhe a água e finalmente falei: “pode matar” – me referindo ao conteúdo, indicando que ele poderia bebê-lo todo. Rapidamente, E., ao me devolver a garrafa, retrucou: “mata você”, sorrindo. Após mais dois segundos, pensando se eu beberia da mesma garrafa ou não, optei por beber, não apenas um gole, mas todo o restante da água contida ali. Um grande barulho irrompeu no bar. Mãos batiam fortemente à mesa. Todos os 12 homens gritavam em uníssono: “boqueteiro¹⁷, boqueteiro, boqueteiro”. Tanta tensão daqueles dois infinitos segundos para decidir se eu beberia da mesma garrafa de E. – ou não – me fez incapaz de perceber que haviam planejado uma “prova”, um “teste”. Beber do mesmo recipiente de

16 Fazendo um gesto com as mãos que indicava um pênis de tamanho avantajado.

17 A expressão “boqueteiro” deriva da palavra “boquete”. Segundo o dicionário Houaiss (2009, p.312), boquete refere-se à ação de excitar o pênis com a boca. Sinônimo de felação. Segundo o dicionário (In)formal, o “boqueteiro” é “Aquele que pratica sexo oral em homem”. Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/boqueteiro/>. Acesso em: 15 abril 2019.

E. foi uma espécie de “visto de entrada”. Mais tarde, durante aquela madrugada, em tom descontraído, me falaram: “Você encarou o *nojo* e o medo, já não é tão *puro* assim”¹⁸. Naquela noite, confessaram que não haveria a tal “festa do vale tudo”, ainda que a festa de fato exista e seja concorridíssima entre muitos homens com quem pude conviver¹⁹. (nota do diário de campo, 2017)

Aquela foi uma noite não apenas de rito que me situou simbolicamente frente ao grupo, mas de histórias, passagens. Era aniversário de um dos homens à mesa, uma reunião regada à cerveja, pegação e risadas, que muito poderia revelar sobre aqueles homens. As reuniões sociais regulares daquele e de outros grupos dos quais posteriormente foi possível participar, proporcionaram conhecer aspectos mais amplos das vidas dos homens colaboradores desse estudo, o que foi fundamental para o andamento da pesquisa.

A prova a que o grupo submeteu o pesquisador, conforme elucidou um dos participantes, tratava-se de testar a capacidade de quem pesquisa de suportar o “nojo” e o “medo”, temas que certamente se relacionam com a “sujeira”. Como observou Mary Douglas (2012), a ideia de sujeira está associada ao cuidado com a higiene e ao respeito às convenções; a reflexão sobre o que é sujo “envolve reflexão sobre a relação entre a ordem e a desordem, ser e não ser, forma e não forma, vida e morte” (DOUGLAS, 2012, p.13-14). Quando se indica o quanto a sujeira em diversos contextos incomodou, é possível pensar na força de coerção do poder disciplinar sobre os corpos modernos. A partir da leitura de Douglas, foi possível compreender que o incômodo gerado pela sujeira – nos contextos visitados – não representou um elemento ameaçador ou irracional, mas um dispositivo sutil organizador do pensamento: “é um movimento criativo, um esforço para relacionar forma e função, fazer

da experiência uma unidade. (...) rituais de pureza e impureza criam unidade na experiência (...) através deles os padrões simbólicos são executados e publicamente manifestados”.

A partir daí, sendo capazes de permitir um intercâmbio de “presença” entre pesquisador e campo, e sendo autorizado a fazer parte de suas vidas em certo nível, o pesquisador passou a figurar em alguns grupos de redes sociais digitais dedicados a organizar festas de sexo *bareback*. Tinha acesso a convites regulares – ou para eventos sem relação direta com a prática sexual – como idas a bares, reuniões comemorativas ou praia, por exemplo, ou para acontecimentos privados exclusivamente organizados para o sexo *bareback*. A cada quinzena, novos encontros e mais pistas importantes surgiam para o desenvolvimento da pesquisa.

Ao contrário do que indica Ralph Bolton (1995, p.150), que defende a ideia de que o envolvimento sexual com colaboradores de pesquisa é fator decisivo para o desenvolvimento de uma certa “intimidade” necessária à aventura antropológica, optou-se por um trabalho de campo que priorizou colocar em suspenso tudo o que era “familiar” ou “exótico” demais – tomando emprestado as expressões de DaMatta (2010), evitando o que Braz (2012, p. 46) considera ser uma “generalização problemática” efetuada por Bolton. Na visão de Braz, Bolton parte da premissa que dentro das chamadas “comunidades gays” o sexo é algo fundamental, o que o levaria a concluir que entre homens gays o sexo seria a via de acesso privilegiada que permitiria o estabelecimento da intimidade, fundamental para a aventura antropológica. Não que Bolton não traga boas reflexões e provocações para o debate, o que é reconhecido por Braz. Também influenciado pelas reflexões de Díaz-Benítez (2008) sobre a interação e práticas de sexo casual no *darkroom* de uma boate, Braz considera que

18 Meu grifo. Os dois termos destacados passaram a povoar meu pensamento no trabalho de campo; “nojo” e “puro” são expressões que serão oportunamente problematizadas no decorrer do trabalho.

19 Os organizadores mantem um *website*, mas optou-se por omitir e trocar iniciais dos nomes das festas privadas a que tive acesso, de modo a garantir o anonimato dos colaboradores. Disponível em: <http://festadovaletodo.blogspot.com/>. Acesso em: 31 ago 2019.

se a prática do/a antropólogo/a durante o trabalho de campo ou o envolvimento afetivo-sexual com sujeitos de pesquisa e a análise das suas implicações para a negociação e a construção da interpretação são boas oportunidades para questionar certas premissas antropológicas, a postulação da necessidade de praticar sexo em campo para compreendê-lo ou interpretá-lo antropológicamente não deixa de ser problemática e o seu questionamento pode ser igualmente instigante para a constituição da reflexividade (2012, p.47).

Ainda que em diversos momentos, ao observar diretamente ambientes carregados de erotismo, o observador tenha sido transformado por inúmeros colaboradores numa espécie de “objeto” – como em passagens do tipo: “(...) é casado e gosta de me ver dando o cu, né!? Safado! Adoro homem casado e safado!”, ou ainda: “tira essa calça, bota o pau pra fora e deixa eu te ver melhor” – foi possível refletir que a ‘intimidade’ necessária para a obtenção de informação estava muito mais ligada à conquista de uma convivência com o grupo, do que na relação sexual direta entre pesquisador e colaboradores. “Segura a câmera e filma a porra toda pra gente assistir depois”, essa foi uma frase sussurrada por um dos colaboradores em uma ocasião, ao pé do ouvido, durante uma interação em que foi negociada a observação durante uma reunião específica: “só assiste se estiver nu!”. O “ver depois” e “te ver melhor” representam, em certa medida, a possibilidade de criar oportunidades de avanços para a pesquisa, e consequentemente o que DaMatta (2010, p.194) denomina “descoberta etnográfica”, a descoberta do funcionamento de uma instituição, a compreensão de uma regra antes obscura.

O caminho percorrido e os laços estabelecidos com os colaboradores indicam que o conjunto dessas experiências foi suficiente para compreender uma série de nuances do universo do sexo *bareback*, sem necessariamente manter um contato físico sexual direto com os colaboradores da pesquisa. Após alguns meses se voltou ao cinema e ao *sexshop* onde teve início

o trabalho de campo, e cruzar apressadamente os limites que separavam “público” e “privado” já era suficiente para perceber uma certa regulação ou ordem na aparente desordem de corpos que transitavam pelo entra e sai das cabines, *darkrooms*, banheiros do cinema, quartos de hotéis e apartamentos onde presenciou-se um grande número de práticas do universo do sexo *bareback*. Foi possível observar corpos que perdiam a neutralidade cotidiana ou “docilidade” requisitada pela norma social para instituírem novas normas.

Foram muitas as vezes em que, diante das consequências de algumas práticas sexuais, foi preferível se retirar da cena. Algumas vezes discretamente, em outros momentos sem conseguir disfarçar o desconforto, como por exemplo quando se presenciou cenas do contato direto entre fezes e a boca, a ingestão de fluidos corporais, e a violência consentida – como a prática de espancamento, ou sufocamento durante o ato sexual. Sobre esses momentos, em que permanecer observando as interações revelou-se insuportável, foi inspiradora a leitura das considerações de Mary Douglas (2012, p.11-17) na introdução de *Pureza e Perigo*, que menciona a existência de crenças que um sexo pode representar um perigo para o outro através do contato com fluidos sexuais. Olhando para determinadas experiências, pode-se sugerir que a repulsa em muitos momentos pode representar, como observou Douglas (2012, p.14), uma “simetria” ou “hierarquia” de determinados padrões sexuais realizada pelo próprio pesquisador. Nas suas palavras:

não é plausível interpretá-los como expressão de alguma coisa sobre a relação real dos sexos. Sugiro que muitas ideias sobre perigos sexuais são melhor interpretadas como símbolos da relação entre as partes da sociedade, como reflexos de projetos de simetria ou hierarquia que se aplicam ao sistema social mais amplo. (...) Os dois sexos podem servir como um modelo para a colaboração e distinção de unidades sociais. (DOUGLAS, 2012, p.11)

O *bareback* é uma prática sexual em que

se estabelece uma nítida marcação espacial e simbólica: por um lado, ocorre exclusivamente entre homens, isto é, há na prática *bareback* uma absoluta ausência de mulheres, que sequer comparecem a esses espaços, que são exclusivamente masculinos; o contato sexual que é estabelecido entre os homens praticantes do *bareback*, por outro lado, não só valoriza enormemente o contato direto pele com pele entre homens – ocorre “sem capa” – como ritualiza a livre circulação do esperma entre todos os participantes, fluido corporal masculino que é também ritualmente ingerido e designado como o “leitinho” que alimenta. A circulação do esperma no *bareback* ocupa um lugar de destaque: todos os participantes são doadores e consumidores/receptores. O relacionamento considerado ideal é aquele em que nada se interponha ou impeça a circulação incessante dos fluidos que se misturam e, atravessando todos os corpos, produzem uma simetria entre os homens, efeito para cuja produção a exclusão das mulheres reitera.

As experiências de “mistura” que parecem representar simetria entre os homens também se configuraram fundamentais sob outros aspectos. Permitiram refletir sobre um corpo – o corpo na experiência *bareback* – que não apenas “testa seus limites”, mas que se utiliza da noção de “limite” (exterior/interior, de dor, por exemplo) como meio para um objetivo maior – o prazer. Há aí um certo borramento da noção de fronteira desse limite, especialmente quando se coloca em jogo o choque entre a subjetividade do pesquisador e a de seus colaboradores: “O que é prazer para aquele homem, é repulsa pra mim? E se é repulsa pra mim, por que o é?”

Esse aspecto parece se aprofundar quando se infere que, independente de qual contexto de homosocialização visitado esteja sendo mencionado, há nas interações uma grande importância conferida aos sentidos tátil e visual. Olhares e gestos ganhavam o status de ritual que poderia ensejar ou anular interações, o sêmen na pele representando sempre a “prova” irrefutável de um sexo “pra valer”.

Em uma tarde de observações em um cinema, houve uma abordagem por um homem que silenciosamente segurava seu pênis ereto com uma das mãos e olhava para mim, dando a entender que me convidava a praticar nele sexo oral. Naquele momento, me senti impelido a fazer uma pergunta direta: “você é garoto de programa?”; naquele momento o homem automaticamente encerrou toda a possibilidade de um contato maior, desaparecendo no escuro do cinema (nota do diário de campo, dezembro de 2017).

Como bem pontua Díaz-Benítez (2007, p.93-94) em seu artigo “*Dark Room* aqui: um ritual de escuridão e silêncio”, ainda que o *mainstream* antropológico evidencie uma tendência a valorar o referencial falado, a pesquisa da autora a estimulou desafiar a preeminência do que é falado na análise de rituais que privilegiam o silêncio. Nas interrogações da autora, “como ‘o povo’ do *darkroom* orienta sua experiência a partir do silêncio? Qual a relação entre o silêncio e os significados culturais da interação na escuridão? Como fazer etnografia no e do silêncio?” (2007, p.94).

Estes mesmos questionamentos de Díaz-Benítez se aplicam a muitos momentos do trabalho de campo realizado no *bareback*. No decorrer da pesquisa, foi possível aprender, mês a mês, as regras que organizam as interações nesses contextos; como aponta a autora (2007, p.96) sobre o *darkroom*: “os contatos começam com os toques, no ato de apalpar e se deixar ser apalpado pelos outros”. De maneira não verbal, mas tátil e visual, é sinalizada a evitação ou o consentimento, assimila-se razoavelmente a forma comunicacional adequada para permitir ser acariciado ou impedir uma carícia, evidenciando que um olhar pode ser “um método mais eficaz que as palavras para começar ou terminar uma aproximação” (DÍAZ-BENÍTEZ, 2007, p.96). Nessa mesma ótica, pontua Barreto (2017b, p.147) que a linguagem do corpo e dos sentidos valorizada e elaborada nesses espaços compõe um vocabulário próprio que se faz necessário apreender e saber fazer uso para que se obtenha sucesso nas interações e para que se evitem as

gafes e alguns conflitos.

De modo a encaminhar a discussão para considerações finais, destaca-se que se discutiu até aqui a importância do “situar-se em campo”, o que também inclui – como propõe DaMatta (2010, p.194-199) – a ideia de que durante o percurso da etnografia nunca se está só; pelo contrário, o fazer etnográfico desta pesquisa sobre o sexo sem preservativo mostrou de maneira crítica que “(...) é preciso relacionar-se (...)” (DaMatta, 2010, p.196), e para isso a apreensão daquela linguagem específica foi fundamental. Este relacionar-se é um movimento dinâmico, uma vez que após efetuar esses deslocamentos, “(...) o etnólogo é remetido para o seu mundo e, deste modo, isola-se novamente”, talvez agora acompanhado também do que carregou para o universo que lhe é familiar daquele outro contexto social que pesquisou.

Considerações finais

Este artigo teve por objetivo apresentar algumas reflexões sobre o trabalho de campo de parte de uma pesquisa realizada em meio a grupos específicos de homens que se relacionam sexualmente com outros homens, que praticam exclusivamente o sexo *bareback*.

Destacaram-se dois aspectos: a dificuldade, nos estágios iniciais da pesquisa, em ultrapassar a fronteira do óbvio imposta pelos próprios colaboradores, e o desafio e a importância de “situar-se” no campo, de modo a possibilitar que o campo pudesse revelar descobertas etnográficas relevantes para a pesquisa. Evidenciou-se, através da discussão, que a obviedade, mais que um empecilho, pode funcionar como um convite ao desenvolvimento da pesquisa; talvez porque o trabalho do etnólogo resida – entre outras possibilidades – no exercício de transformar o que é “familiar” em “exótico”, e o que é “exótico” em “familiar”. Também se apontou para a importância de uma convivência e o estabelecimento de uma certa intimidade com o campo de pesquisa, que também faz parte do “situar-se no campo”. Esta atitude foi fundamental para entender algumas das características do universo *bareback* que

extrapolam ou vão além de alguns rótulos comumente aplicados a seus adeptos.

Aqui, admite-se que após alguns meses do campo finalizado, tem restado uma certa nostalgia desse confrontar de subjetividades, do encontro com aquelas pessoas, e da participação possível – para o pesquisador e para os colaboradores adeptos do *bareback* – naquela “mistura” ritualizada atualizada a cada ida ao campo. Também se entende que ao pesquisador que retorna ao seu universo social após algum tempo fora de seu contexto só resta (re)sentir ou rememorar, elaborar, e em alguns momentos falar de certas experiências que o campo proporcionou. Certamente experiências que promoveram mudanças e ampliaram entendimentos, mas que não se esgotam ao final do trabalho de campo.

Referências bibliográficas

BATAILLE, G. *O Erotismo*. Porto Alegre: L&PM, [1956]1987.

BARRETO, V. H. S. *Festas de orgias para homens*. Salvador: Devires, 2017a.

_____. *Vamos fazer uma sacanagem gostosa? Uma etnografia da prostituição masculina carioca*. Niterói: Eduff, 2017b.

BEZERRA, Vladimir. “Práticas e sentidos da sexualidade de alguns usuários da Profilaxia Pré-exposição (PrEP) ao HIV”. In: CSOnline UFJF – *Revista Eletrônica de Ciências Sociais*, Juiz de Fora, n.23, p.140-160, 2017. Disponível em: <https://csonline.ufjf.emnuvens.com.br/csonline/article/view/2764> . Acesso em: 29 jun 2019.

_____. *O sexo ‘na pele’: sentidos do corpo e da pele na experiência bareback entre homens na cidade do Rio de Janeiro*. Dissertação (mestrado em Ciências Sociais), Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: <http://www.cis.puc-rio.br/index.php/posgraduacao/mestrado/bancodissertacoes>. Acesso em: 20 abr 2019.

- BEZERRA, Vladimir; SILVA, Vera Lucia Marques da. *Bareback, Risco e Prazer na perspectiva de usuários da Profilaxia Pré-exposição (PrEP) ao HIV: um estudo etnográfico*. In: Thiago Oliveira; Helder Thiago Maia (Orgs). *Práticas sexuais: itinerários, possibilidades e limites de pesquisa*. Salvador: Devires, 2019.
- BRAZ, C. *À meia luz: uma etnografia em clubes de sexo masculinos*. Goiânia: UFG, 2012.
- DAMATTA, R. *Carnavais, malandros e heróis*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- _____. "O ofício do etnólogo, ou como ter o *anthropological blues*". In: Boletim do Museu Nacional. Nova Série. Antropologia, Rio de Janeiro, n.27, 1978. Disponível em: http://www.ppgasmn-ufRJ.com/uploads/2/7/2/8/27281669/boletim_do_museu_nacional_27.pdf. Acesso em: 20 mai 2017.
- _____. *Relativizando: uma introdução à Antropologia Social*. Rio de Janeiro: Rocco, 2010.
- _____. "Tem pente aí? Reflexões sobre a identidade masculina". In: CALDAS, D. (Org.) *Homens*. São Paulo: Editora Senac, 1997.
- DE PAULA, P. S. R. *Barebacking sex: a roleta russa da AIDS?* Rio de Janeiro: Multifoco, 2010.
- DÍAZ-BENÍTEZ, M. E. *Nas redes do sexo: os bastidores do pornô brasileiro*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.
- _____. "Dark Room aqui: um ritual de escuridão e silêncio". In: *Cadernos de Campo*, São Paulo, v.16, n.16, p.93-112, mar 2007. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/49990>. Acesso em: 30 jun 2018.
- DOUGLAS, M. *Pureza e perigo*. São Paulo: Perspectiva, 2012.
- DOURADO, I. et al. "Revisitando o uso do preservativo no Brasil". In: *Revista Brasileira de Epidemiologia*, São Paulo, v.18, supl.1, p.63-88, set 2015. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-790X2015000500063&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 12 set 2019.
- FELBERG, E. *O sexo nu: bareback e outras reflexões*. Curitiba: Appris, 2015.
- GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- GREGORI, M. F. *Prazeres perigosos: erotismo, gênero e limites da sexualidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- HINE, C. *Etnografia Virtual*. Barcelona: U.O.C, 2004.
- HUMPHREYS, L. *Tearoom trade: impersonal sex on public places*. Chicago: Aldine, 1970.
- KULICK, D.; WILLSON, M. *Taboo: Sex, Identity and Erotic Subjectivity in Anthropological Fieldwork*. New York; London: Routledge, 1995.
- KULICK, D. *Travesti: prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2008.
- LE BRETON, David. *As paixões ordinárias*. Petrópolis: Vozes, 2009.
- MAKSUD, I.; FERNANDES, N. M.; FILGUEIRAS, S. L. "Tecnologias de Prevenção do HIV e desafios para os serviços de saúde". In: *Revista brasileira de epidemiologia*, São Paulo, v.18, supl.1, p.104-19, set 2015. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1415-790X2015000500104&script=sci_arttext&lng=pt. Acesso em: 30 jun 2018.
- MISKOLCI, R. *Desejos digitais: uma análise sociológica da busca por parceiros online*. Belo Horizonte: Autêntica/Argos, 2017.
- PERLONGHER, N. *O Negócio do Michê: Prostituição Viril em São Paulo*. São Paulo:

Fundação Perseu Abramo, 2008.

RUBIN, G. *Pensando o Sexo: Notas para uma Teoria Radical das Políticas da Sexualidade*. São Paulo: UBU, 2017.

SANTOS, F.; GOMES, S. “Etnografia virtual na prática: análise dos procedimentos metodológicos observados em estudos empíricos em cibercultura”. In: *Anais do VII Simpósio Nacional da Associação Brasileira de Pesquisadores em Cibercultura*, 20 a 22 nov 2013. Disponível em: http://abciber.org.br/simposio2013/anais/pdf/Eixo_1_Educacao_e_Processos_de_Aprendizagem_e_Cognicao/26054arq02297746105.pdf. Acesso em: 13 abr 2019.

SARTI, Cynthia; DUARTE, Luiz Fernando Dias (Orgs.). *Antropologia e ética: desafios para a regulamentação*. Brasília: ABA, 2013.

SEEGER, Anthony. “Pesquisa de campo: uma criança no mundo”. In: _____. *Os índios e nós: ensaios sobre as sociedades tribais brasileiras*. Rio de Janeiro: Campus, 1980, p.23-40.

SILVA, H. “A situação etnográfica: andar e ver”. In: *Horizontes antropológicos*, Porto Alegre, v.15, n.32, p.171-88, dez 2009. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832009000200008&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 30 jun 2018.

_____. *Travestis: entre o espelho e a rua*. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

_____. *Travesti: a invenção do feminino*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1993.

SILVA, L. A. V. da. “Barebacking e a possibilidade de soroconversão” In: *Cadernos Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v.25, n.6, p.1381-89, jun 2009. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2009000600020&lng=en&nrm=iso. Acesso

em: 30 jun 2018.

_____; IRIART, J. A. B. “Práticas e sentidos do barebacking entre homens que vivem com HIV e fazem sexo com homens”. In: *Interface*, Botucatu, v.14, n.35, p.739-52, dez 2010. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832010000400003&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 30 jun 2018.

SILVA, V. L. M. *Sob a égide do chicote: uma leitura do amor na contemporaneidade*. Curitiba: Appris, 2018.

SINDER, V. *Configurações da narrativa: verdade, literatura e etnografia*. Madrid: Iberoamericana; Frankfurt: Vervuet, 2002.

TERTO Jr., V. *No escurinho do cinema: socialidade orgiástica nas tardes cariocas*. Dissertação (mestrado em Psicologia). Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1989. Disponível em: http://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/teses/1989_TERTO%20JUNIOR_V_S.pdf. Acesso em: 25 abr 2017.

VELHO, Gilberto. “Antropologia urbana: interdisciplinaridade e fronteiras do conhecimento”. In: *Mana*, Rio de Janeiro, v.17, n.1, p.161-85, abr 2011. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93132011000100007&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 30 jun 2018.

ZILLI, B. *A perversão domesticada. BDSM e consentimento sexual*. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens, 2018.